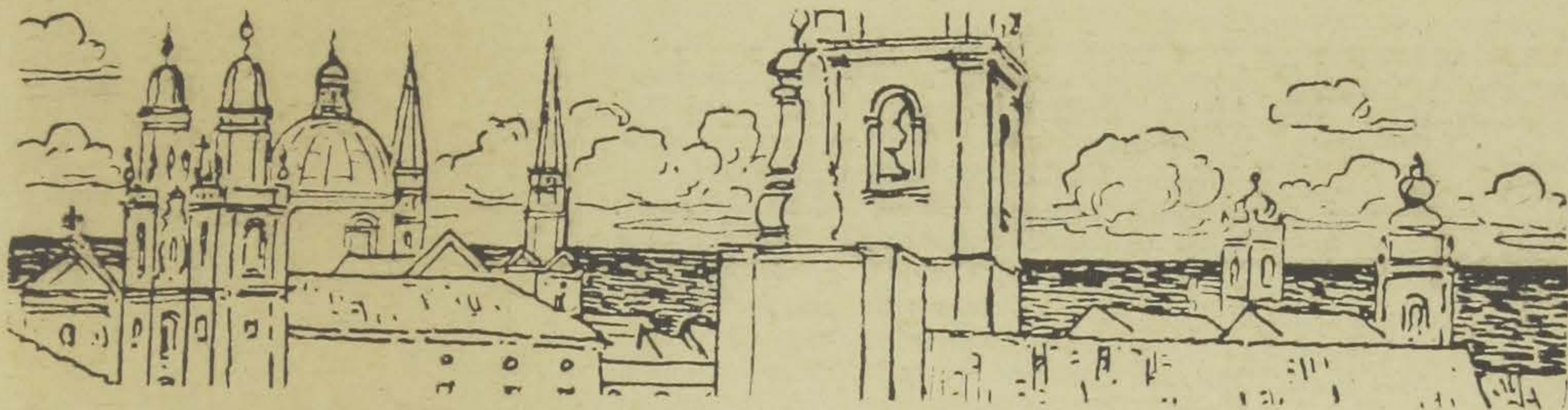


Correio das Artes

Ano 1 Número 12 SUPLEMENTO LITERÁRIO DE "A UNIÃO" Domingo, 12-6-1949



TORRES DE IGREJAS DO RECIFE — Detalhe — Mario Tulio

MORTOS ILUSTRES

SILVINO LOPES

AINDA a propósito de Dube. Quando, na Paraíba, os homens estavam empenhados por serem ouvidos pelos jornais, sobre assuntos políticos, eu fui procurado pelo diretor da revista *Manaira* para falar sobre o meu cachorro.

Assustei-me pensando que o monstro animal estava candidato à Câmara, ao Senado ou mesmo à presidência.

Nada disse. Depois de perder muito tempo com coisas ruins, queria a revista reabilitar-se tratando de um bom assunto que era também um bom cachorro.

Não sei como a revista não foi empastelada pelos vira-latas paraibanos.

Foi a seguinte a conversação publicada:

"A friend dog".

É assim que o Silvino fala ao seu Dube, que é um velho cachorro, nascido numa aldeia inglesa.

Muita gente procura saber como o tal cachorro chegou a esta cidade. Nem mesmo o seu dono o sabe. Sabe, entretanto, que um seu cunhado, maquinista do Lloyd Brasileiro, agarrou o cão em Liverpool. No bojo de um cargueiro, Dube chegou ao Rio. Sal-

tei e foi levado para Niterói. Lembrou-se, então, que o Silvino morava na rua das Moças, em Pernambuco.

Anunciara-se a partida do "Mandú" para a América, e o maquinista meteu o cão a bordo, contando que o navio tocasse no Recife. Não tocou. E lá se foi o Dube bater em Orleans. De volta, foi que saltou no Recife e ficou morando na rua das Moças.

x x x

Um dia, Dube notou que a vida se complicava. Su-

geriu ao seu dono uma mudança de ares. E o dono, que é roxo por Pernambuco, teve que atender às razões do cachorro.

O inglês veio morar na rua 13 de Maio. Não saía de casa, porque, tendo um dia tentado um passeio, no Parque Solon de Lucena, levou um chute de um automóvel que o deixou em estado de choque.

É branco e manso. Nunca reclamou contra a restrição de vida. Muitas cachorras, ingênuas e experimentadas, passam por ele e os seus olhos não derramam uma lágrima ou uma centelha. É celibatário até a raiz do pêlo.

Se o dono sente-se à mesa, para a merenda, Dube coloca-se debaixo do móvel, sem pronunciar uma palavra. Espera. É o amigo da fé, da esperança e da caridade.

Procuramos ouvir o cachorro e ele nos disse que era "a friend dog".

Gostava de dono por sabê-lo cachorro como ele. Ambos intensos às dentadas e a qualquer deslealdade. De resto, não o tinha para vigiar a sua casa, por sabê-la com imunidades, pois, ninguém ignorava as condições econômicas do lar.

É quem fala tôdas as noites com o patrão. Não tem hora para não ir ao seu encontro, mostrando a sua alegria no agitar da cauda.

É amigo dos meninos da casa. O menor, que ainda não tem três anos, cavalga-o sem cerimônia, a tudo se sujeita porque sabe fazer parte da família.

Gosta de todos, mas, não pode ocultar uma certa queixa da senhorita Lucinha que o exota das cadeiras, dando-lhe o título de estúpido, esquecida de que

SONETO

EDSON REGIS

O ANTIGO DESESPERO A MINHA PORTA,
COM A FORÇA DAS GRANDES TEMPESTADES,
ANILANDO SONHOS E VONTADES
E AS IMAGINAÇÕES DA IDADE MORTA!

ENTRE AS SOMBRAS DO MUNDO SEM IDADES,
O VULTO DE UM FANTASMA ME CONFORTA,
MAS EM SEGUIDA MINHA FACE CORTA
E ME DISSIPA EM CIMA DAS CIDADES.

TENTO PISAR O CÉU DISTANTE E PURO.
PROFUNDO SONO. E PERCO-ME NO ESCURO
DA NOITE E VOU CANTAR NO AMANHECER!

MAS QUANTAS SOMBRAS PELA NOITE IMENSA
ME DESPERDIÇAM NA AGONIA INTENSA
QUE MATA MINHA VOZ LOGO AO NASCER!

cachorro é somente cachorro.

Não diz que o Silvino se iguala a São Francisco de Assis, mas, como o santo, só o trata de irmão. Um defeito nota do seu dono que é admirar Baudelaire e Gauthier que preferiam os gatos. Quando da sua posse na Academia Pernambucana de Letras, quase que o Silvino o levou a assistir a sessão.

Julga-se igual a Riquete, de Anatole France; a Bigode, de Paulo de Koch; a Dingo, de Mirbeau, e acha o Fiel, de Junqueiro, e o Veludo de Guimarães Junior, muito idiota.

Já não o julgam imundo os que seguem ao pé da letra a lei judaica.

Não leu ainda Agripino Grieco, mas sabe que esse crítico super-humano gosta mais de um cachorro do que de um judeu.

Não é propriamente de raça camina, é da grei dos dogues de Londres que pensam mais do que latem. Não inveja os cachorrinhos que comem biscoitos no colo de grandes damas que seriam capazes de meter os seus mimosos pés na cara dos filhos formintos dos operários. É filósofo. Pulgas não tem nem rabugem.

Como é britânico, sabe que não descende da célebre cadela Spaco que alimentou Ciro, sabendo também que se vivesse no tempo de Montmoensy teria sido beneficiado pela Ordem do Cão, pelo primeiro barão da França criada.

Leiam os livros sagrados da Índia e da Pérsia e digam se o cachorro não foi gente em outros tempos.

Na Etiópia o cão era escolhido para soberano.

Vicior Hugo desprezava de um cachorro branco". Napoleão, mas admirava o cachorro.

Está o Dube na pintura e na poesia.

Sobre um cão que morreu de dor ao lado do dono que fora abatido por uma bala, escreveu Casimir Delavigne um belíssimo poema. E já leram o "O livro de San Michele"?

Dube medita. Quer falar do seu amo e senhor. Mas, não abre a boca. Está quieto. Silvino não se lembrou dele ao traçar as páginas do seu último livro. Entretanto, tudo ali é uma verdadeira cachorrada. Há cadelas demais naquelas páginas, cadelas amando homens e homens lambendo cadelas.

Não se lamenta, não proqueja. Espera que o amigo, cachorro como ele, no otimismo e na lealdade, escreva ainda os "Memórias

Mas, isso é um dos problemas do após-guerra.

Não deseja eleições, para não ver cachorros carregando título de eleitor em vez de coleiras.

Toma banho todos os dias, o que muitos ricos não fazem. Não bebe, não joga, nem fuma. Não visita certos lugares suspeitos, visitados por sujeitos tidos como austeros.

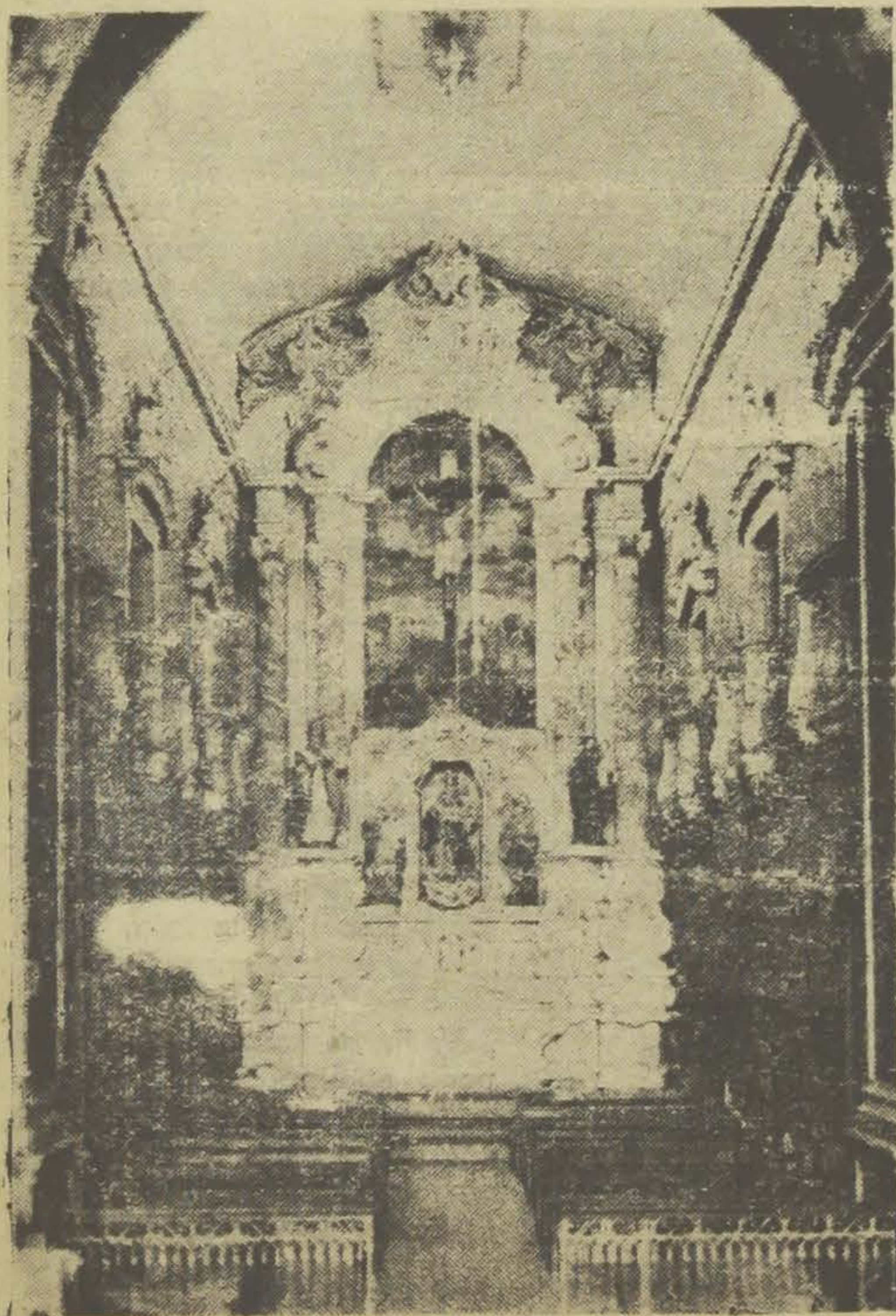
Nunca amou. Está como o tal do filme intitulado "O homem que não podia amar", o que não acontece com as mulheres. Estas amam mais quando passam aos 50 anos.

(Capítulo do livro "Memórias de um Sargento de Malícias")

Recife, 19 de novembro de 1947.

Arte Sacra em Goiana

Altar-mor da Igreja Matriz, de madeira (todo em talha)



A União

Fundada em 1892 Patrimônio do Estado

Diretor: SILVIO PORTO

CORREIO DAS ARTES

Orientação de EDSON REGIS

COLABORADORES

A. Accioly Netto, Aderbal Jurema, Afonso Felix de Sousa, Afranio Coutinho, Antonio Bento, Antonio Breynner, Antonio Franca, Bandeira Tribuzi, Bezerra de Freitas, Brito Broca, Carlos Romero, Celina Aguirre, Celso Otávio Novais, Clovis Assumpção, Clelia Silveira, Clovis Moura, Cyro Pimentel, De Castro e Silva, Djacir Menezes, Dilermando Luna, Edmur Fonsêca, Edson Nery da Fonsêca, Enrico Camerini, Evaldo Coutinho, Fernando Ferreira de Loanda, George Mattos, Gilberto Freyre, Guerra de Holanda, Hamilton Pequeno, Haroldo Bruno, João Condé, João da Veiga Cabral, João Cabral de Melo Neto, José Paulo Moreira da Fonsêca, José Lins do Rêgo, Juarez Batista, Léo Ivo, Lucia Miguel Pereira, Lopes de Andrade, Malaquias Abrantes, Mario Quintana, Manuel Bandeira, Manuel Diégues Junior, Maria da Saudade Cortezão, Nice Figueirêdo, Nilo Pereira, Orlando Romero, Otto Lara Rezende, Péricles Leal, Raul Lima, Reinaldo Moura, Sosigenes Costa, Tullo Hostilio Montenegro, Van Rogger, Wilson Chagas e Wilson Martins.

ILUSTRADORES

Arnaldo Tavares, Arpad Szenes, Augusto Reynaldo, Carlos Thiré, Cicero Dias, Fayga Ostrower, Helio Feijó, Hermano José, J. Lyra, Ladjane, Pancetti, Santa Rosa, Van Rogger, Yllen Kerr, Wilson Rodrigues, Woller e Zuleno Pessoa.

Os Cenários de Chaplin

EVALDO COUTINHO

A POSIÇÃO de Chaplin na história do cinema reveste-se de uma importância que nenhum pintor ou escultor tem alcançado em seu gênero. Ele delineou uma forma de arte e dentro dela se manteve, até **LUZES DA CIDADE**, como o seu inextinguível realizador. Seria adular a natureza do grande cinema, se se tentasse a distinção entre essa arte e o espírito de Chaplin, de tal modo eram íntimas as relações entre a forma cinematográfica e a atitude de Carlitos em sua fuga permanente. Para um tema propício a várias especulações, Chaplin registrou um aspecto tão vinculadamente cinematográfico, a ponto de se indagar se, sob outra aparência, não iria fracassar esse motivo de superior hilaridade. Chaplin poderia ter composto cenarizações de tal assunto, orientando-se pelo jôg, psicológico das circunstâncias e, no entanto, o fez conduzindo a fuga como um leit-motiv consubstanciado em mímica.

Dessa maneira de expor, inferiam-se a singularidade dos cenários e o consequente estilo de seus filmes. De quantas obras se produziram por meio da câmera, a de Chaplin impressionava, à primeira vista, pela simplicidade de suas cenas. Ao contrário dos cineastas que buscavam o desfecho, fazendo de cada sequência a oportunidade de introduzir outra sequência, a diretiva de Chaplin, tantas vezes concretizada, consistia em intercalar entre o fade-in e o fade-out, a pantomina da fuga, sem esquecer as suas tocantes variações. Ao espectador menos avisado, os filmes de Chaplin tinham a aparência de algo improvisado, mesmo de deficiente, em técnica. Realmente, em nenhum de seus instantes, a câmera exercitou os movimentos acrobáticos que em "A Paixão de Joanna D'Arc" ou em "Varieté" foram usados com maestria e que tanto entusiasmavam aos que possuíam do cinema uma concepção apenas fotográfica. Em Chaplin, a câmera captava as

cenas sem deslocar-se de seu plano costumeiro de visão.

O motivo dessa sobriedade técnica em cenários como os de "O Garoto", "O Circo", e "Em busca de Ouro", está no fato de as situações em ato dispensarem exuberância visual de apresentação, dado que elas são bastantes visíveis nos quadros habituais da objetiva. O modo mais simples de aparecer coincidia com a unidade das próprias situações em ato.

O processo chapliniano de mostrar o mínimo, escondendo o máximo, que, em outras palavras, não é mais que o próprio subentendimento ajustando-se ao seu leit-motiv, vinha mostrar a inutilidade da ginástica adotada, com ou sem oportunidade, no cinema visualizador de motivos literários. A sua compreensão das possibilidades do subentendimento era tão viva que na obra "Casa-mento ou Luxo", da qual o tema da fuga não participava, foi ele usado, como a indicar aos seus continuadores que nis-

so consistia o verdadeiro caminho do cinema, em qualquer de seus gêneros, inclusive no documentário.

O estilo da continuidade, por ser uma decorrência de sua maneira de compor, revelava a mesma sobriedade, e assumia uma feição peculiar, inconfundível, consequentemente, com qualquer tratamento do cinema-linguagem. O tratamento — essa expansão da imagem ao espectador — adveio do próprio Chaplin; pairando sobre situações em ato, o seu estilo aproximava-se daquele que o olho humano, em estado receptivo, pode assimilar nos flagrantes cotidianos.

Com os recursos do subentendimento, e certo de que a plástica residia no aproveitamento expressional da ausência, os cenários de Chaplin mostravam, da sua personagem, os momentos em que este corporificava o motivo da fuga. Configurando-se em ato esse tema se processava em cenas ou em sequências de variada

intensidade. A técnica de cenário, no que toca à continuidade, diferia, assim, da maneira de expor comum no cinema-linguagem. Se se for buscar, na literatura, uma obra que, pelo arranjo dos capítulos, lembre a sucessão de sequências em Chaplin, nenhuma outra o faz como o "Don Quixote". Em cada um deles está, implícito, o caráter da figura central, não sendo necessário, ler todo o livro para se aperceber dos componentes filosóficos de Don Quixote. Chaplin, quando não uma simples tomada de cena, representava o bastante para se vislumbrar a conduta de Carlitos perante o mundo: de fuga, a um tempo, cautelosa e hostilizada.

Mas o que faz de Don Quixote um personagem literário é a faculdade de conjecturas. O monólogo significa mais que um suplemento da pessoa; é substancial ao ser dessa personagem. Em Carlitos havia uma exteriorização de gestos; convergiam para ele todas as coisas, completando, assim, a unidade e o sentido da ação. Como uma atmosfera indispensável ao ato de fuga, os objetos, os homens que o cercavam aparecem em função de Carlitos. Ele se movia e todas as coisas iam no seu cortejo. Os policiais que o aterrorizavam eram gigantes mal humorados, para que mais se evidenciasse a própria humildade; as mulheres, muito belas, a fim de que interferisse o seu espírito de renúncia.

As peripécias que envolviam o ato da fuga, por sua vez contagiadas pela sobriedade facial de quem recusava permanecer, requeriam da câmera unicamente a perspectiva normal, e segundo o princípio de que, como presença criadora, mais vale um fragmento da paisagem que a paisagem inteira; e tanto mais nítida a situação da fuga quanto mais subentendidos fôssem os métodos que a configuravam. Havia, desse modo, uma tal equivalência entre o ato da fuga e a face que era sempre uma antecipação ao subentendimento; existia uma articulação tão intrínseca entre a imagem e o pensamento de Chaplin, que se impõe a idéia de o personagem Carlitos ter sido irrealizável sob forma diversa.



Ilustração de "Trog" para o livro TALK OF THE DEVIL, de Ewan Butler

"Na Espadana Branca"

"ILHA"

EM nossas mãos o segundo número de ILHA, publicação trimestral da nova geração literária do Maranhão.

Trata-se de uma revista que recomenda muito bem os novos escritores da terra de Gonçalves Dias, não só pela sua feição moderna, como pelo senso seletivo dos trabalhos.

Obedecendo à orientação dos escritores José Sarney Costa e Bandeira Tribuzi, ILHA integra-se nesse movimento de libertação das províncias que se vem processando no cenário da moderna literatura brasileira.

SUPLEMENTO LITERARIO DA GAZETA DE ALAGOAS

Recebemos os dois últimos números do suplemento literário semanal da GAZETA DE ALAGOAS, dirigido pelo ensaísta Silvio de Macêdo.

Apresentando varios trabalhos de valores locais, o referido suplemento vem fazendo, naquele Estado, um sério movimento em prol da cultura das províncias.

Saindo com regularidade, o suplemento da Gazeta de Alagoas tem procurado estimular as novas expressões da geração literária da Terra de Graciliano Ramos.

"CRONOS"

Revista dos novos do Distrito Federal. Dirigem-na Adriano Kury, Celio Lyra, L. R. de Almeida (responsável), Maria Clara Pinheiro, Guimarães e Pedro Luiz Masi.

Recebemos o número 3º de CRONOS onde aparecem trabalhos de L.R. de Almeida, Santa Rosa, Nisio Batista Martins, Pedro Luiz Masi, Elsy Guimarães, Antonio Fraga, Fred Pinheiro, Anírio de Abreu, Ernande Soares, Mario da Gama Kury, Rachel Mano, Aluizio Valle, Salviano

Cavalcanti de Paiva e Lecyr Riodades.

Endereço: Rua Augusto Nunes, 146 (Todos os Santos) — Distrito Federal.

"CADERNO DA BAHIA"

TEMOS em mãos o número 3º de CADERNO DA BAHIA, publicação que divulga os valores da nova geração literária da terra de Castro Alves.

CADERNO DA BAHIA é dirigida pelos jovens escritores Claudio Tuluhi Tavares, Vasconcelos Maia, Darwin Brandão e Wilson Rocha, e apresenta varios trabalhos de critica, ficção e poesia.

Endereço: Rua Guindaste dos Padres, 20 — Bahia.

NOVO LIVRO DE SARTRE

O nome de Jean Paul Sartre tornou-se um hábito nas nossas conversas literárias. O pontífice do existencialismo conta no Brasil com um grande número de leitores e admiradores, sua influência na nova geração literária brasileira é um fato que vamos constatando dia a dia. A tradução do seu livro de contos — O MURO — causou uma revolução na nossa literatura e constituiu um êxito editorial.

Agora, segundo se noticia, surge em português novo livro do chefe do existencialismo. Trata-se de A IDADE DA RAZÃO, traduzido pelo crítico paulista Sérgio Milliet.

Nessa obra, Sartre conta a história de um homem que se busca na sua própria liberdade.

ELOGIO A "REVISTA BRANCA"

O escritor José Condé, em sua seção semanal, no suplemento do CORREIO DA MANHÃ, escrevendo sobre a REVISTA BRANCA, uma das melhores publicações dos no-

vos escritores brasileiros, disse o seguinte: A REVISTA BRANCA é bem um exemplo da vontade e da capacidade de uma geração que se vai afirmando através de livros de poesias, romances, e contos, e também de revistas que dia a dia estão surgindo nos mais distantes recantos do nosso país".

"O DESERTO E OS NÚMEROS"

O livro de estréia do nosso companheiro Edson Regis — O DESERTO E OS NÚMEROS, editado pela revista ORFEU, está despertando o maior interesse nos círculos literários do país.

Apresentando uma bela feição gráfica, O DESERTO E OS NÚMEROS constituiu mais um êxito editorial de ORFEU, revista que obedece à direção dos poetas Fernando Ferreira de Holanda e Fred Pinheiro.

"ELES VIRAM E CRERAM"

COM esse título, o nosso colaborador Orlando Romero acaba de escrever um interessante trabalho, onde estuda varios vultos da doutrina espiritualista, tendo sido confiados os originais do referido trabalho a uma das editoras do sul do País.

"CONTRAPONTO"

EM Recife, acaba de sair o último número da vitoriosa revista artística CONTRAPONTO, que obedece à direção do dr. Waldemar de Oliveira, um dos entusiastas do movimento musical e teatral da capital pernambucana.

CONTRAPONTO apresenta bela feição, gráfica, variada colaboração, noticiário local e do fóra, além de um bom serviço de clichê.

Refletindo a situação artística recifense, CONTRAPONTO nivela-se às melhores revistas culturais do país.

LETRAS ACADEMICAS

Para a introdução das obras completas de Joaquim Nabuco, "o apolinio tribuno da abolição", será incluída a biografia escrita pelo sr. Celso Vieira.

Num só volume de 700 páginas, em edição de luxo, serão enfeixados todos os livros de poesias do academico paulista Guilherme de Almeida.

LITERATURA E CINEMA

OS cinemas de Nova York estão focalizando as seguintes reprises, bastadas em obras muito conhecidas, como sejam: O MAGICO DE OZ — de Maurice Maeterlinck, O MORRO DOS VENTOS ULIVANTES, de Emily Bronte, PIGMALIÃO, da peça de George Bernard Shaw; e A ESTALAGEM MALDITA, da novela de Daphne du Maurier.

HOMENAGEM A BALZAC

Na cidade de Tours, foram iniciadas as comemorações do 150º aniversário do nascimento de Balzac, autor de A COMEDIA HUMANA.

Falando numa reunião do Congresso Francês de História da Literatura o escritor Joaimes Torres Bodet, diretor da Unesco, afirmou: "— O futuro não depende da violência, coragem e paixão para saber compreender. Uma vez que a tarefa de todos nós, hoje em dia, é defender a paz, sabemos quais os mestres que ainda têm poderes para nos guiar e ensinar com seus exemplos. Não são eles os imperadores, mas os poetas, educadores, artistas e gênios, como Balzac, esse filho de Tours, cuja memória une todos os homens no seu respeito por ele. No dia de Balzac permito-me saudar os verdadeiros dias da paz".

UM POETA

NILO PEREIRA

TODOS nós temos acompanhado a trajetória poética do sr. Mauro Mota. Vemo-lo, hoje, como um poeta plenamente realizado. Revistas, jornais, suplementos literários lhe publicam os poemas; e, através dessa poesia já agora tão fartamente disseminada, podemos encontrar o artista, o homem de sensibilidade, o criador do seu próprio mundo.

Dotado de uma ironia indulgente, como a de Renan, no verso é que sua piedade se revela. Tem-se até a impressão de uma fuga, de uma evasão, como se o poeta só nos seus grandes momentos humanos se sentisse realmente a serviço da poesia. Ou, ao contrário: como se a poesia, ela própria, se pusesse ao seu serviço como um instrumento dócil à emoção criadora, naqueles instantes em que alguma coisa supera o homem, exigindo uma linguagem específica e uma interpretação além da vida.

A grande singularidade dos poetas está em que de coisas cotidianas fazem esse mistério, essa superação. Temos visto tantas vezes as ruas humildes sob a chuva, encantadoras ruas de arrabalde cheias de ingenuidade. Faltam-nos, porém, o lirismo essencial com que o sr. Mauro Mota as tem contado, dando-lhes uma beleza perene. Um mundo simples mostra-se na sua grandeza interior. É o segredo dos poetas aos quais conferiu Deus, como aos santos, o privilégio dos milagres.

Maritain, no seu admirável livro de exegese ontológica do poeta, "Arie e Poesia", é completo quando afirma: "O pequeno choque pelo qual a Poesia revela sua presença, que faz, de súbito, recuar os planos e desdobrar-se o horizonte da alma, vós os podeis receber tanto o lan-

çar as vistas sobre um objeto comum, um pedaço de papelão, "pinturas idiotas, altos de porta, enfeites, telas de saltimbancos, tabuletas", como ao contemplar uma obra-prima".

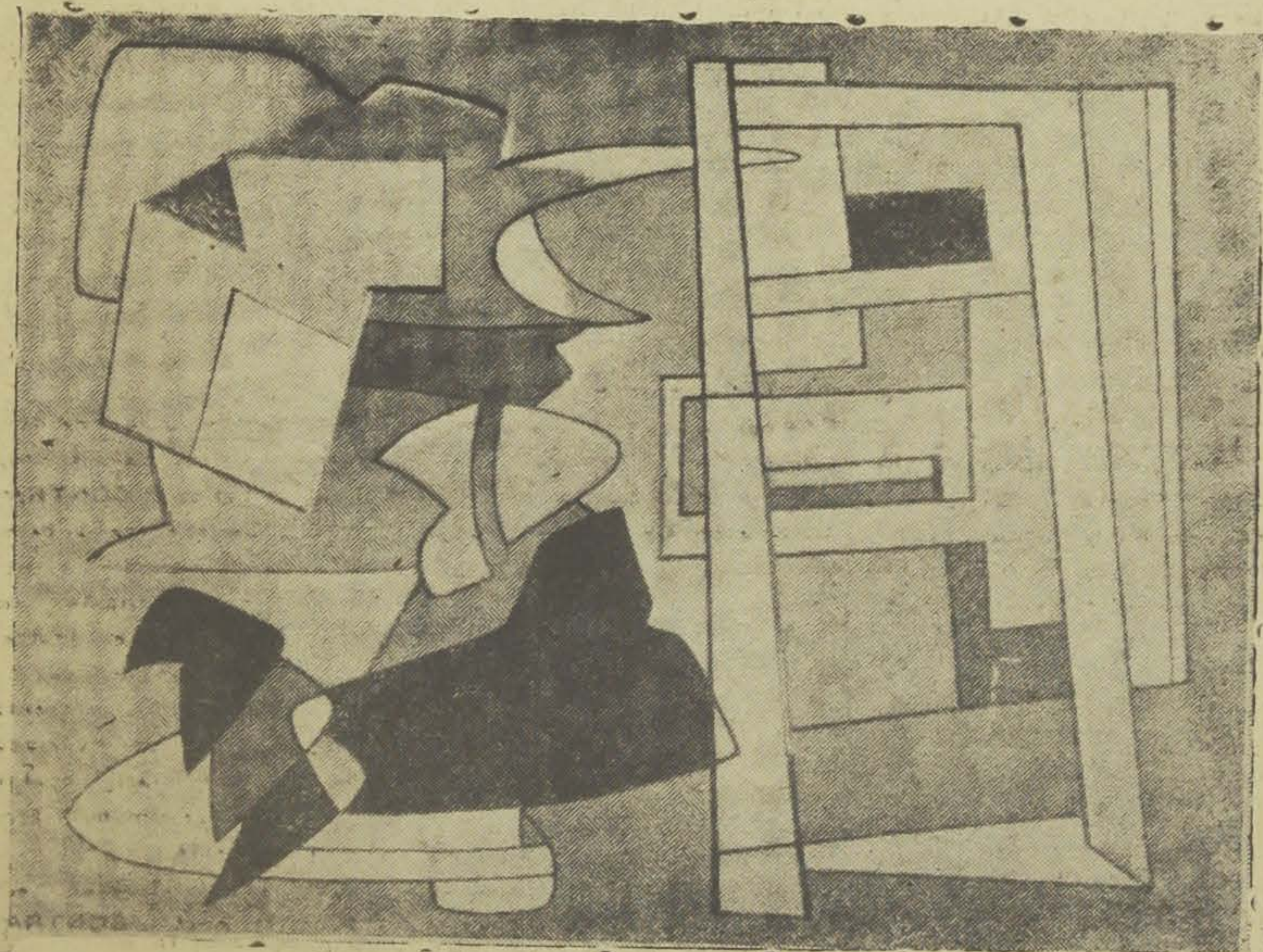
Não sei de maior poeta elegíaco, nestes últimos tempos, do que o sr. Mauro Mota. A elegia parece ser a sua total realização artística. Foi aí que o poeta viu mais clara, mais objetiva do que nunca, aquela revelação do mistério que faz "recuar os planos e desdobrar-se o horizonte da alma". Ponho-me às vezes a pensar no que seria do homem, em certas horas, sem essa superação poética; e concluo que se houve profetas e santos para falar à humanidade de coisas divinas e transcendentais, Deus quis confiar aos poetas o segredo espiritual com que, neste pobre mundo dilacerado e vazio, o homem con-

serva a marca da eternidade. O poeta é um homem eterno, mesmo quando só de coisas terrenas e humanas cuida. É que haverá sempre nêle, pelo menos em certas horas de sofrimento e de ansiedade, uma deslocação do plano individual para o ontológico em que terminará por afirmar-se mais mistério, mais abstração e mais verdade.

Como não estou fazendo crítica literária, sinto-me desobrigado de citar versos do sr. Mauro Mota. São eles muito conhecidos (quanta gente guardou em albums de estimação suas elegias!) para permitir aos amigos e admiradores do poeta uma sugestão: reúna quanto antes o sr. Mauro Mota seus poemas em livro, que um livro de poemas, à altura do seu, será sempre u'a mensagem de vida e de renovação indispensável ao mun-

do e a todos os homens de boa vontade. Onde alguém abrir, à sombra de alguma árvore amiga, ou no silêncio fecundo das reflexões, essa mensagem de poesia e de mistério que algumas criaturas predestinadas nos enviam, fugindo ao isolamento que, segundo Maritain, seria capaz de levar os poetas aos infernos pelo pecado da negação de sua missão transcendente, aí haverá a verdade.

Contribua o sr. Mauro Mota para que a missão da Poesia se cumpra entre os homens, dos quais ainda não se pode dizer que perderam o sentido elegíaco da vida. Esse admirável sentido que, a bem dizer, ele restaurou e com um poder tão forte que lhe deu, ao verso magnífico, a predestinação das grandes mensagens humanas, que sustentam o mundo.



POEMAS de Cyro Pimentel

GEORGE MATTOS

NADA mais humano, dolorosamente humano, nesta era de desvarios, de quedas lamentáveis, em que o homem perde o sentido primitivo de ser, do que a necessidade icária da fuga, do reencontro definitivo com o infinito através de sonhos arquitetados pela força criadora de nossos espíritos.

"Há em mim um deus dan-
çante

que ansiando Infinito
Grita intenso no azul"

Como meio, absorve-nos o momento atual o direito individualista de ser e de sentir, e, coletivam-se as nossas dores e os nossos sentimentos (os mais peculiares a cada homem) são deixados de comuns e relegados a um plano ordinário.

Já nas "Cabeças Trocadas", Thomas Mann deixaria bem claro o valor individualista, embora a completção abordada, na sua mais fosse do que um sentido de perfeição; de como cada ser portar-se-ia ante tudo que a todos parece comum. "O caso individual nunca é comum; as coisas mais comuns, nas quais se fala e pensa, são o nascimento e a morte; entretanto assistam a um parto ou a uma agonia e perguntem-se a si mesmos, perguntem à parluriente ou ao moribundo, à alma que geme e à que expira, se acham ou não isso comum".

Como elemento fundamental pressentimos a capacidade de reação ao comum que em cada homem se gera, no reconhecimento do inevitável e do qual não logramos fugir.

Tal reconhecimento no entanto traz como reconhecimento Bandeira "o cabotismo de sofrer" de por em cartaz as nossas dores peculiares de um indivíduo e de um todo.

Creio que Cyro Pimentel não chegou a esse ponto e alcançou desde cedo o significado das tentativas

inglórias, redimidos pela arte, na morte de todas as esperanças, de todas as ilusões.

"Vida, esposa de sonhos,
[descabela teus cabelos
Sobre os mortos adoles-
centes,
E vê a tarde, que cruz de
laurora tangente!

Poeta situado numa época em que se acentua um movimento literário, e em que se esboçam planos, caracterizando uma geração, Cyro Pimentel, embora moderno, é, o que se poderia dizer, reflexo de si mesmo, poeta único. Alheio às influências, reflete bem um artista amadurecido em sua arte, em-

bora, paradoxalmente, seja um estreitante.

Possuidor de um ritmo admirável, sua arte poética caracteriza-se não somente pela idéia, mas pelo poder de compreensão entre a palavra e o sentido rítmico da poesia, onde dir-se-ia existir uma arte métrica velada; embora não sujeito às formas, o poeta cria um sentido, admirável de se expressar, onde tudo é poesia.

"Segue o caminho do imensurável amor", e a paisagem para si é um atributo, é uma qualidade que se postou em seu caminho e completou o todo

quando tudo já existia, e desoladamente não o auxiliou no encontro do arquitetado.

"Abruptos Caminhos re-
[pareciam-me.
As aleas das arvores ado-
[radas pereceram.
Por que me sonhei deus, se
[não houve céu a trans-
[por?"

Ouco as arvores execu-
tando trombetas
Que saltam de estrelas
E despejam sobre a terra
[sua claridade".

Sem limites nem fins, o artista não vê a morte como fronteiras nem final. Refugiou-se em si, e esculpuiu o seu mundo alheio aos homens, alheio ao comum, arraizado em dores. Mas não suja nem emporca. A sua arte é fina, e a sua dor dir-se-ia peculiar a um deus. Lembra Raul de Leoni, na pureza de suas concepções e na arquitetura de sua poesia. Não foge ao desespero, nem magoa os seus semelhantes atirando impietosamente em seus forcos o estigma de seus sofrimentos. Pelo contrario retrai-se, esconde-se.

"Lua transfigurada
Sozinha recebes
Meu coração
Só,
Nesta plena tarde".

Cyro Pimentel, com os seus "Poemas", foi dentre os novos paulistas escolhido para iniciar a série de edições Cadernos do Clube de Poesia, e creio não haver escolha mais louvável do que a presente.

É um poeta puro, de grandes possibilidades e esta sua primeira amostra ao mundo intelectual brasileiro pode ser qualificada como uma das estrelas invulgaes de nossos tempos.

João Pessoa, Junho de 1949

VELHICE

TULLO HOSTILIO MONTENEGRO

RAZÃO Minha Medeiros de Albuquerque ao dizer que a velhice é a pior das doenças. E Alvaro Moreyra, afirmando que "deve ser como aquele suplício dos antigos persas: uma torre cheia de cinza, aonde se atira alguém que ainda vive...". Em verdade, nada mais melancólico do que uma reunião de pessoas de idade avançada, a recordar os "bons tempos" da mocidade. Sobretudo se é de macróbios intelectuais.

O caso deu-nos o ensêjo de assistir, há dias, a um dêsses conclave. E tivemos à vista um grupo do gênero, por ocasião da visita feita pelo sr. Júlio Dantas à redação do "Jornal do Brasil". Foi à tarde e os membros do clube "Quem morrerá primeiro?", presididos pelo sr. Pôrto da Silveira, estavam todos presentes. Poderiam carregar sobre o peito letreiros daqueles que nos acostumamos a vêr nos cemitérios: "Hoje sois o que fomos. Amanhã sereis o que somos". Raul Pederneiras, expoente simpático e digno de respeito, de uma geração que já se encontra quase toda a sete palmos abaixo do nível da rua, compareceu, os bigodes torcidos, mas sem o ar mosqueteiro da juventude. Era, dos pés à cabeça, advertência aos moços, lição de humildade. A surdez o isolava. Funcionou durante a reunião como uma ilha perdida, como alguém dentro de uma câmara forrada de celotex. E só lhe ouvi, à distância, o protesto quando um dos contrades, aos berros, lhe transmitia informação obdita do vate de "A Ceia dos Cardeais": "78 anos? Fora os que mamou!" — num ar de quem se sentisse pessoalmente prejudicado pela subtração feita. Outros giravam à volta do ilustre representante do sr. Salazar. Entre eles um sr. Mário Montenegro, a distribuir reproduções de um EX-LIBRIS comemorativo do centenário de Ruy Barbosa, em que Poe aparece citado com o "never more" e intenções simbólicas, em versos capazes de fazer tremer na tumba o baiano de "Réplica".

E houve campanha. Mas nem o entusiasmo exteriorizado pelos presentes, nem as atenções dispensadas, nem as veladas ou abertas lisonjas ao poeta ilustre conseguiram tirar o ar triste da festa. Era como se cada um dos presentes estivesse a se perguntar, no íntimo, sobre até quando resistiria ao mau tempo...

Artes Plásticas



PAISAGEM HIBERNAL — Wlaminck

A Pintura Contemporanea Suíça

FRANÇOIS FOSCA

Um facto que devemos sempre ter em mente ao pensarmos na Suíça é que ela oferece uma extraordinária diversidade, apesar de seu território ser muito restrito em relação a muitos outros países da Europa. Diversidade de línguas (quatro são as oficiais), diversidade de religiões (há quase igual número de protestantes e católicos que em muitas regiões estão por assim dizer confundidos), diversidade nas relações com as grandes nações vizinhas. Enquanto a Suíça alemã sempre teve afinidades estreitas com a civilização germanica, a Suíça francesa em todo tempo esteve mais inclinada para a França e o Ticino para a Itália.

Esta diversidade, encontramos de novo na pintura suíça contemporânea. Se, há uns quarenta

anos vem sentindo a forte influencia desse poderoso núcleo de arte que sempre foi e ainda é Paris, essa influencia produziu, segundo as três regiões distintas do país, resultados muito diferentes. Na mais fácil do que distinguir numa exposição onde pintores de toda a Suíça estão representados, um pintor de Genebra de um de Zurich ou do Ticino. É preciso acrescentar que não existe uniformidade nas três regiões e também não um único centro artístico. O gosto e as preferências dos apreciadores de Basileia não são os mesmos que os de Zurich e de Berna.

Esta diversidade que é um dos traços característicos da pintura suíça contemporânea, é ao mesmo tempo, assim como fora épocas anteriores, o sintoma de sua vitalidade e

o reflexo fiel do espírito da nação. É deveras excelente que em Lausanne não se pinta como em Locarno, pois aí não se pensa e não se sente exatamente da mesma forma como acolá. Toda tentativa de centralização neste setor resultaria apenas no surgimento de uma arte híbrida e artificial, de um academismo oficial.

x x x

A pintura suíça contemporânea tem também um outro carácter: é que na Suíça alemã, mais do que em outra parte, os cantões e as cidades, as universidades e mesmo as grandes empresas industriais e comerciais gostam de mandar decorar seus edifícios com pinturas murais; do mesmo modo não se hesita em recorrer a escultores, mosaístas e pintores de vitrais. Esforçar-se assim a que arte não seja

unicamente criada para o indivíduo, mas sim para toda a coletividade. Por outro lado, os artistas têm assim frequentemente oportunidade de exercer seu talento sobre grandes superfícies.

Neste âmbito, é preciso assinalar também que, há uns trinta anos para cá, a arte religiosa de inspiração moderna tem registrado grandes progressos na Suíça. Católicos e protestantes renunciaram pouco a pouco ao preconceito do falso gótico; e, apesar de certas resistências, a arte contemporânea tomou no santuário o lugar que ocupará até o século XIX. O artista que mais lutou por esse rejuvenescimento da arte religiosa foi Alexandre Cingria, há pouco falecido. Devemos-lhe murais, vitrais e mosaicos muito pessoais.

Não é possível mencionar, num quadro limitado, todas as personalidades mais marcantes da pintura contemporânea suíça. Entre os pintores da Suíça francesa, René Auberjonois continua, apesar de sua idade avançada, um artista extraordinariamente sensível, ao mesmo tempo apurado e sutil. Talento robusto e belo colorista, Alexandre Blanchet tornou-se notável pelos seus retratos e decorações murais. Enquanto Maurice Barraud consagra seus dotes e cantar a beleza da mulher e das paisagens. Hans Berger traça com franqueza e vigor as cenas da vida rústica. Engene Martin é o pintor delicado e fino de Lago de Genebra. Recentemente falecido, Henri Darel deixou paisagens e ramos de um colorido forte. Adrien Holy é um artista apaixonado dos belos acordes de tons. Paul Matthys evoca com saborosa sinceridade de visão os belos campos genebrinos. Citemos ainda, entre os jovens: Emile Chambon, Albert Chavez e Jean Ducommun. A Auberjonois, do cantão de Vaud, acrescentemos ainda outros: R. Th. Bosshardt, Charles Chinet, evocador dos vinhedos e do lago, Charles Clément, pintor vigoroso da vida dos camponeses, Marcel Ponsat, G. Buchet, Recoul Domenjoz e o decano: Ernest Bieler, há pouco falecido, depois de ter executado a fresco em Lausanne, Vevey e Sion. Um artista de Neuchâtel, Georges Dessoulavy, tornou-se notável como decorador de murais e como litógrafo. Entre os Tessineses, citemos o bom gravador Partocchi e Emilio Berette, excelente pintor a resco e decorador com imaginação inextinguível.

x x x

Em geral, os pintores da Suíça alemã diferem de seus companheiros da Suíça francesa e da Suíça italiana por alguma coisa mais aspera e mais rude. Assim, no octogenário Cuno Amiet que, a modo de Gauguin e de van Gogh

gostou de espalhar sobre as telas os mais intensos tons de sua paleta. Também ainda Hans Stoeckli, com feição elitica, excelente decorador e pintor de vitrais. Max Gubler e Ernest Morgenthaler podem ser equiparados pelo gosto as grandes telas onde formas muito definidas são sustentadas por acordes de tons vigorosos e raros. A sua grande mestria no ofício. Martin Lautenburger acrescenta dons de colorista e traduz assim seu romantismo enraizado. Victor Surbeck produziu obras de inspiração muito variada e traçou com muita sinceridade, notadamente nas pinturas e desenhos todos pessoais, os aspectos tão particulares dos altos Alpes. Enfim, Hans Erni, que muito se inspirou na arte surrealista, tem fervorosos partidários.

E' preciso citar à parte dois artistas alemânicos que, por terem vivido durante muito tempo em Paris, sofreram muito a influência do meio. Formam uma especie de transição entre os outros pintores da Suíça alemã e os da Suíça francesa. Paul Basilius Bonh distinguirse pelos retratos de uma grande vida interior e pelas paisagens de um colorido justo, rico e harmonioso. Wilhelm Gimmi não é me-

nos dotado como colorista personagens, garantiram e suas paisagens e bem lhe a fama que bem merecem assim seus interiores com rece.



ESTEIREIRA — Para o livro "Pelo Sertão", de Afonso Arinos, em edição de luxo, Livio Abramo realizou uma série de 27 primorosas gravuras em madeira e cerca de 30 sobre linóleo. São trabalhos que definem a sua alta categoria artística e revelam a plenitude de sua força criadora. A gravura que acima reproduzimos é uma daquela série e constitui um expressivo documento da arte de Livio Abramo.

A ELEIÇÃO DE FERNAND GREGH

A "SOCIÉTÉ DES GENS DE LETTRES" designou sua nova diretoria e elegeu o seu presidente para 1949-1950.

Foi FERNAND GREGH o escolhido, batendo, por preferência de idade, LUCIEN FABRE. Os quatro vice-presidentes são PIERRE DESCAGES, EMILE HENRIOT, GUY CHASTEL e FRANÇOIS DE ROUX; os dois redatores são DEEU-BRIDEL e PAUL VALAR. A sra. GEORGE DAY foi mantida em sua posição de Secretária Geral.

Filho do compositor LOUIS GREGH, FERNAND GREGH nasceu em Paris a 14.X.1873, e aqui se licenciou em filosofia em 1892; Fundador da revista "LE BANQUET", secretário de Redação da "REVUE DE PARIS", diretor da "LA FENÊTRE OUVERTE" (1901) e "ESTUDOS SOBRE VICTOR HUGO" (1904) antes de compor numerosas coletâneas de poemas: — "L'OR DES MINUTES" (1905), "LA CHAÎNE ÉTERNELLE" (1910) "LA

COURONNE DOULOUREUX" (1917) "LA GLOIRE DU COEUR" (1932). No teatro um ato em verso, "TRIOMPHE" (1919) representava na Ópera; "LA BROSELIANDE" (1928), "LES MANTS ROMANTIQUES" (1936) são as peças principais de FERNAND GREGH a quem devemos ainda "PORTRAIT DE LA POÉSIE FRANÇAISE AU XIXIÈME SIECLE" (1936) e mais recentemente "L'AGE D'OR", primeiro volume de memórias.

Gado Manso

Conto de JOSÉ MUCINIC

— 1 —

Sentou-se encolhida no banco da praça talvez para assim passar despercebida aos outros transeuntes. Depois, abriu a bolça suja de tiracolo e remexeu o interior. Tirou a carta branca com letras pretas já amarratada. Estranhamente amarratada. E, pelo oitava vez naquele dia começou a ler as cinco páginas de papel amarratadas dum bloco barato qualquer.

A carta era grande, não havia dúvida. As aparências mostravam, mas para Dejanira era como se tudo aquilo fosse um simples bilhete. O resumo de algumas linhas em algumas palavras.

— Eu te odeio, desprezo-te, não te amo mais!

Levantou a cabeça e olhou com os seus grandes olhos o céu azul.

Um homem, talvez um vagabundo ou aventureiro, passou a passos silenciosos não olhando o céu mas as pernas roliças, brancas e bem feitas de Dejanira. Para ele era a mesma coisa como se estivesse vendo a cor do céu. Talvez melhor. Mas para ela o coração que falasse.

— Amigo, quer ler esta carta para mim? Não estou me sentindo muito bem, alguma coisa me fez mal...

As palavras saíram por elas mesmo sem que ela esperasse. O vagabundo parou atônito e admirado. Olhou para Dejanira, depois para trás de si, para os lados e por fim para a carta.

— Mas...

Não chegou a terminar o que queria dizer porque Dejanira com um brusco movimento começou a mexer o corpo, batendo o queixo como se estivesse socando numa geladeira.

O vagabundo, que não era vagabundo e sim um poeta excêntrico, admirado, tirou o esfarrapado casaco e cobriu o corpo ainda forte, quente, querendo viver.

— Acalme-se minha senhora. Veja como a senhora ficou!...

Passou de leve a mão pelos cabelos crespos da moça como se quizesse dar mais vida com o calor de seus dedos.

— Não, largue-me. Tenho que ir. Eu não posso mais!...

Levantou-se, quiz andar mas as pernas não a sustentavam. Caiu esgotada, arrojando, implorando.

— Escute aqui amigo, tenha pena de mim. Deixe-me ir embora. Acabar com esta vida de uma vez. Ela para mim já não vale nada e sem ele piorou ainda

mais. Seja meu amigo. Me solte!

Chorou deixando cair grossas lágrimas pelas mãos cabeludas do outro...

— 2 —

— Miserável, que fizeste!...

A voz do homem era rouca, entrecortada de vez em quando por silvos.

Dava a impressão de ter realmente sofrido um grande abalo com a cena violenta que seus olhos estavam presenciando.

Por outro lado, Juca compreendeu a situação. Sabia que o fim seria um fim triste igual a de todos os aventureiros. E por que? Por que devia ser ele e não outro o culpado? Por que?

Olhou mais uma vez atarredado para o corpo da moça estendida completamente nua na grande cama de casal.

Seus olhos pousaram por um momento no rosto da infeliz. Depois sem querer baixaram para os peitos pontudos, fortes e em seguida ao ventre antes cheio de vida, de goso, de luxúria e agora frio, aniquilado para sempre. Uma grande dor e receio ao mesmo tempo invadiu os pensamentos e o corpo de Juca. Sentiu que aquele quadro estava

por demais forte para os seus nervos já esmagados pela meia hora de satisfação que tivera nos braços da prostituta.

Sem querer, levou as mãos magras e esqueléticas à cabeça. Com os dedos finos apertou convulsamente as temporais. Davam-lhe a impressão de que iam estalar. Fechou os olhos baixando as pálpebras devagarinho como se este seu gesto viesse melhorar a sua situação ou dar vida novamente ao corpo inanimado. Talvez fazendo isto, quizesse fugir dali já que não fosse fisicamente pelo menos em pensamento. Desejava estar longe, bem longe, livre de tudo inclusive de mulheres e de aventuras amorosas. Sabia, que, para os seus quinze anos, a vida apenas estava a começar. Ainda tinha muita coisa para ver e talvez também para sofrer.

Voltou-se para o homem que o olhava com expressão de um louco. Talvez de assassino. Sentiu medo vendo aqueles olhos congestionados, vermelhos, quasi fora das orbitas. Sentiu medo do rosto, do corpo, de tudo que pertencia àquele homem. Juca olhando, teve uma vontade louca de chorar. Fazer tal como quando criança. Espernear, gritar, até que a mãe o viesse tirar daquela agonia, abraçando-o e beijando-o. Fazendo carícias de mãe.

Muitas vezes, Juca fazia aquilo de propósito, somente para sentir os seus afagos. As mãos da mãe mansas e quentes acariciando seu rosto, passando os dedos pelos seus cabelos, e sentindo o hálito de sua boca passar-lhe pelo rosto.

— Mãe!

Abriu a boca devagar, pronunciando baixinho a palavra sagrada. Depois tornou a repetir:

— Mãe, aonde estás?!

O apelo angustioso ficou quieto. Certamente se sua mãe estivesse ali o que ela não faria. Talvez desse a



própria vida por ele. Con-
tanto que seu filho único
nada sofresse.

Juca sentiu as lágrimas
correndo pelo canto dos
olhos, invadindo-lhe o na-
riz, o rosto, a boca.

Chamou desordenada-
mente.

— Mãe, acuda-me mãe!...

Como a temer a própria
morte, caiu de joelhos fóra
de si.

— Perdôa-me! Perdôa-
me! Eu não sabia o que
estava fazendo. Juro como
não sabia.

Voltou o rosto para o al-
gém. Era de fazer pena. Um
rosto ainda de criança, im-
berbe, na flôr da vida.

— Faça comigo o que
quiser, mas poupe-me a
vida. Eu não tive culpa do
que aconteceu. Se eu sou-
besse que ela era sua ami-
ga eu não teria vindo. Só
vim, porque, ela me garan-
tiu que não tinha ninguém.
Juro, juro por tudo o que
há de sagrado, como é ver-
dade.

Em vez de responder, o
homem aproximou-se mais
de sua vítima.

As mãos nervosas crispa-
vam-se mendonhamente.
Cada passada que dava
em direção a Juca era para
este como se o mundo vies-
se abaixo.

— Miserável, vais pagar
por tudo!

Os passos aproximavam-
se cada vez mais. A dis-
tância agora era de um
metro.

— Não, não! Pelo amor
de Deus, não faça isto. Eu
sou inocente, não fiz nada.

As mãos enormes agora
estavam ao redor de seu
pescoço, acariciando-lhe
estranhamente a pele bran-
ca e jovem. Sentiu um há-
lito por sobre o seu rosto
diferente do de sua mãe.
As mãos também eram di-
ferentes.

Fez menção de gritar.
Mas já não podia, o anel
dos dedos de aço, aperta-
vam-se cada vez mais.
Sutocava-lhe. Abriu a boca
para respirar melhor. A
língua arroceada, pendeu
para fóra sem ação. Por
um momento, pareceu que
tornava a si, mas tudo não
passou de um engano. Ape-
nas pôde pronunciar uma

palavra, uma única palavra
e pendeu a cabeça para
sempre inerte nos braços
musculosos do assassino.

— Mãe!

— 3 —

— Amas-me muito?...

— Muito. Mais do que a
própria vida.

— E que farias então se
eu não tivesse atravessado
no teu caminho?!

— Não sei. Talvez con-
tinuasse como sempre a
perambular sem destino.

— Quer dizer que na-
quele dia foi uma gran-
de sorte para você ter
me encontrado?

— Sim! Pode ser, não
aço que sim ou não. Mas
agora Dejanira, juro como
nunca, nunca mais eu
deixarei você. Quer-te
com todas as forças de um
coração apaixonado. Na-
da tenho para te dar a
não ser amor, mesmo as-
sim juro por tudo que
agora sendo minha ja-
mais outro te possuirá...
Se preciso for eu te mata-
rei, embora me acabe
também, mas ninguém de-
pois de mim terá o teu
amor...

Dejanira sentada na
cama sorria para Carlos o
poeta excêntrico, o vagar-
bundo a quem ela pedira
para lêr a carta.

Defronte num tamborête
de três pés, Carlos olhava
serenamente para a aman-
ta. Mesmo, sentado ali,
tinha saudades das noites
que passava com ela.
Não sabia explicar o que
era, mas só gostava da
companheira quando o
dia começava a escurecer
e os dois então iam dor-
mir, agarrados um ao ou-
tro, em beijos e apertos.
Dizia sempre que era uma
outra Dejanira que ficava
com ele e não esta que
agora se achava na sua
frente. Talvez fôsse impres-
são do quarto, da penum-
bra ou do próprio momen-
to, o certo no entanto é
que na verdade ele ama-
va a Dejanira da noite e
não a do dia.

A voz da outra tirou-o
dessas reflexões.

— Carlos meu queridi-
nho, Por que você não vai

dar uma volta? Talvez vo-
cê arranje alguma coisa
para se comer. Ou mesmo
um emprego. Quem sabe
não é Corlinho?...

Dejanira falou as últi-
mas palavras dando uma
entonação de alguém que
estivesse, mesmo apaixo-
nado e que sentisse a falta
do companheiro. Não ama-
va porém Carlos. Nunca o
amara. Convivia com ele
porque não tinha para onde
ir. Depois daquele episódio
no banco da praça, Dejanira
perdera as esperanças
de viver, lá não era a mes-
ma Dejanira, confiante,
arborosa, cheia de vida, de
esperanças como quando
andava com Alberto. Há
Alberto ingrato. Miserável
mesmo. Para que fizeste
isto comigo? Para que? Fô-
ra o seu primeiro e único
amor. Agora não amava
verdadeiramente a nin-
guém. Os homens passa-
vam e tornavam o passar
pela sua vida. Era como
se não existissem. Era ape-
nas uma necessidade para
ela. O desejo. A carne
que falava mais alto do
que outras necessidades.
Talvez para isto concorrês-
se o desenvolvimento do
seu corpo e a sua pua ida-
de. Não sabia o que era.
Apenas sabia que em de-
terminadas épocas tinha
que estar em companhia
de um homem, conviver
com ele, sentir o seu hálito,
a sua força muscular, o
suor de seu corpo. Queria
se saciar. E então nestes
momentos não fazia ques-
tão de viver ou morrer. Pa-
ra ela tanto fazia uma coi-
sa como outra. Estando nos
braços de um homem era o
que lhe interessava. Dejanira
ardia em febre alta.
Sentia o corpo quente. O
sangue correr nas veias
com mais força. E então
nestes momentos, aperta-
va-se mais de encontro ao
outro corpo, para se con-
fundir com ele. Talvez de-
separar-se mesmo. Assim
fôra com Alberto, assim
fôra com outros, assim es-
tava sendo com Carlos. E
talvez por isto é que Car-
los sentia a sua falta mais
a noite do que durante o
dia. Talvez por causa dis-
to é que ele amava mais a

outra Dejanira do que a
Dejanira sentada agora
junto dele. Ele de seu lado
estava com Carlos não por-
que o amasse mas porque
precisava de um homem.
Coisa justamente em suas
mãos na época em que
precisava de um outro sexo.
E, coitado de Carlos. Como
sempre confundia, conven-
cia-se mesmo que ela o
amava, que sentia a sua
falta e que nunca, nunca
mais o abandonaria.

— 4 —

O dia estava azul-côr de
azul. Um vento flácido a ir-
re-onhecido tomava conta
dos telhados, das árvores e
das folhas. Estas últimas se
alvorocando entre si, dan-
do a impressão de que se
esmurravam, para depois
tombarem inertes no chão
já ceifado por outras fô-
lhas.

Uma janela de um segun-
do andar da casa feia e
maltratada, foi aberta de par
a par, deixando vislumbra-
r um vulto. Por alguns se-
gundos aquele vulto virou
a cabeça para um lado e
para outro, depois levantou
os braços para cima
mostrando sem dúvida os
músculos, salientando o
peito, como se estivesse es-
preguicando e tornou a de-
saparecer tão misteriosa-
mente como chegara.

Em baixo, na calçada, na
rua, em toda a parte a ci-
dade renacia para um novo
dia de trabalho, de luta
estudiana, de alegria e
desilusões para uns e mis-
terias para outros. Era a
vida!



DOIS DITADORES

TRADUZIDO do original
inédito, segundo declara a lã,
foi lançado no Brasil por essa
editora o livro que Dino Alfari,
embaixador italiano em Ber-
lim, escreveu sobre os dois di-
tadores, o nazista e o fascista:
"Hitler e Mussolini frente a
frente".

NOTAS DE CRÍTICA

HAROLDO BRUNO

UM LIVRO DE MEMÓRIAS. — A rigor, como distinguir num romance o que é criação e imagem do que é realidade e estilização do real? Ao crítico, por maior que seja a sua sensibilidade estética e a preocupação do julgamento puro, não deve passar despercebida a verdade do escritor, mas isso é problema que só a este interessa realmente. Acima de qualquer ética profissional, existe, parece-nos, um princípio de consciência segundo o qual a integridade do artista é a sua própria obra: ele não a deturpará sem trair sua natureza. Num caso mais concreto, como o de um livro de memórias, é possível afirmar sua autenticidade se não conhecemos o essencial da vida do autor? Quem o escreve, é certo, deseja menos recordar, dentro dos limites caprichosos da memória reteriva, do que restaurar por uma alienação momentânea do tempo o seu passado e a imagem de si mesmo. Para o leitor comum, o que principalmente o atrai em tal gênero é o núcleo biográfico, a massa de fatos episódios, a cronologia; a nós, num plano muito mais geral, seria a expressão que dessa experiência resultasse para o espírito. Não procuramos tanto o homem, no trama dos acontecimentos acidentais que o envolve, mas antes a sua maneira particular de reagir em face da vida e de seus problemas maiores. Sua existência seria, apenas a trajetória no tempo de aspirações e impulsos que se concretizaram bem ou mal, tomando a forma da ação, mas cujo significado íntimo, quer dizer, a personalidade, é obrigação nossa investigar.

Podemos distinguir sobretudo duas espécies de livros de memórias, os narrativos ou objetivos, e os

de análise psicológica e de idéias, conforme predominem nêles os elementos informação e interpretação. Mas, só os últimos merecem de fato o designativo. Os outros são autobiografias, o particular, intransferível da vida de seus autores transformando-os em testemunhos pessoais de valor muito restrito. Eles não comportam, com efeito, nenhum sentido transpersonalista e universal e as autobiografias são afinal de contas inúteis, porque a experiência em que geralmente se baseiam, condicionada pelo dramatismo das circunstâncias, é irreversível e não pode repetir-se em qualquer homem. Ao contrário, os grandes livros de memórias encerram quase sempre uma lição filosófica, metafísica ou simplesmente humana. Há em cada memorialista um mo-

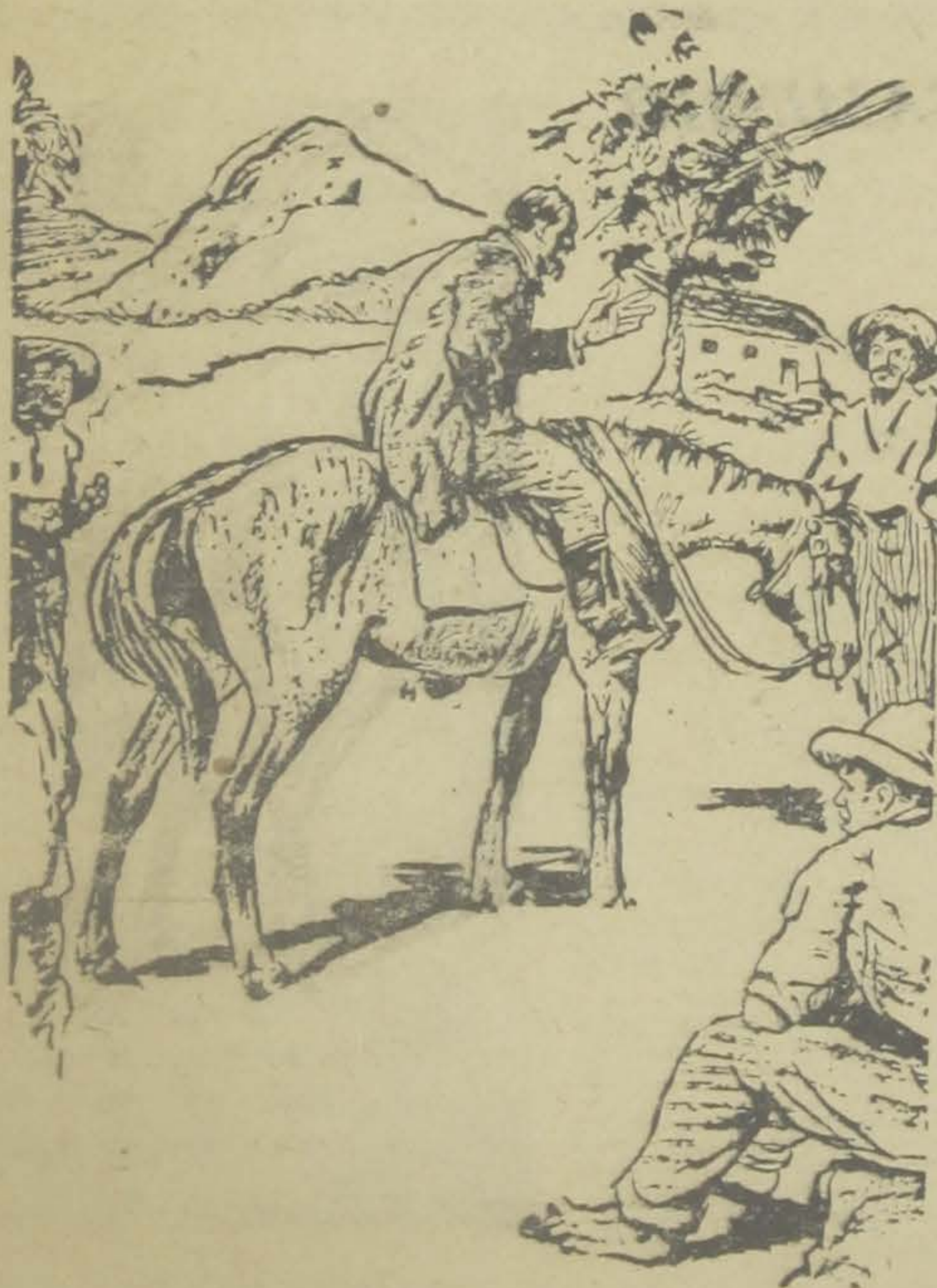
ralista disfarçado: na maior parte das vezes é por um sentimento inconfessável de auto-reparação que nos vemos à procura do eu perdido.

Segredos da infância, o mais recente livro do sr. Augusto Meyer, pertence a esta segunda categoria pelo seu valor espiritual e quase nenhuma interferência de dados da realidade que não contribuam, de modo decisivo, para a análise da formação moral e artística do autor. Acreditamos, mesmo, que esse seria um livro de leitura difícil se as verdadeiras qualidades de estilo não compensassem largamente a ausência desses encantos que uma narrativa direta oferece, se o delicado e profundo subjetivismo das impressões e o toque intelectualista não viessem acompanhados sempre de

uma viva corrente poética.

É o retrato íntimo do artista, e será como escritor de penetrante sensibilidade, possuidor do senso arquetônico da forma e admiravelmente suscetível aos entretens da sugestão psicológica, um dos nossos melhores estilistas, que o sr. Augusto Meyer ficará. Evidentemente o ensaísta é maior do que o poeta, e embora não seja ele o crítico por excelência, para o que seria preciso no seu caso mais julgamento e menos interpretação especiosa, *"Prosa dos Pagos"* e *"A sombra da estante"* estão entre o que de mais interessante conta o puro ensaio brasileiro. O escritor é sutil, e até erudito, na medida em que o conhecimento serve à vida, mas ninguém se engane: no diálogo constante entre a inteligência e a imaginação, que é toda a sua obra, a supremacia cabe a esta última. A tal ponto que, por exemplo, em estudo bastante original da psicologia do leitor como elemento de participação na obra, e nunca como um objeto passivo, figura inerte a que o sentimento do artista não arrancasse nenhuma vibração duradoura, contrastando com a severidade atribuída ao assunto, topamos imagens de um velho brilho romântico, lembrando por vezes aqueles excessos impressionistas de um Ortega y Gasset: *"Lá no alto estrêlas telmosas namorram inútilmente a janela iluminada"*.

Não tem decerto o sr. Augusto Meyer a escrita precisa, lógica e articulada que sempre exigimos de um ensaísta. Sua leitura provoca um prazer tão genuinamente literário, que relegamos as idéias a segundo plano, para seguir o autor nos seus arabescos de frase e digressões. Esse desajustamento entre fundo e forma desaparece, ar-



PATROCÍNIO em visita ao Ceará

gora, na obra do memorialista, e daí acreditarmos que diante de *Segredos da infância* estamos em presença do livro definitivo, no gênero em que a vocação do ilustre escritor gaúcho se realiza plenamente.

"PRESENÇA DE ANITA"

— O grande romance é aquele que cria um ambiente, e dentro desse ambiente, configurada por ele e animando-o, uma personagem bem caracterizada, capaz de sobreviver literariamente como símbolo, representação de uma virtude ou qualidade humana, expressão tanto quanto possível estilizada, mas sem perder o valor comum e universal, duma natureza particular. Fora disso não há romance. Poderá existir crônica ou má poesia em prosa, retórica. É preciso que a leitura comunique uma sensação de que nossa humanidade interior foi acrescida de uma parcela nova e a visão física ampliada para que haja romance. É preciso que se fixe em nossa memória uma série de circunstâncias

perfeitamente limitadas no tempo, um quadro, uma imagem de lugar, casa, paisagem, objetos, atuando paralelamente e com a mesma força da presença do homem. Um bom romance — no caso do romance psicológico puro —, pode dispensar o ambiente, bastando-se com referências ou notações sugestivas, eliminando a minúcia descritiva, indo direto ao problema central ou desdobrando a ação em temas secundários. De modo algum manterá a mesma categoria se a circunstância absorver o homem, em outras palavras, se se der mais importância ao cenário que à personagem. Romance sem uma densa individualidade é espécie de casa antiga e vazia, onde as criaturas são seres de nenhuma consistência e tudo parece viver no ar. Observe-se que a primeira condição para uma personagem se afirmar é o nome: Eduardos, Anitas, Lúcias nada exprimem juntos de um Fabiano, um coronel José Paulino, um Gu-ma.

Entre os novos romancistas brasileiros, com ra-

ríssimas exceções, a circunstância, a história e o ambiente são mais fortes que o homem, o protagonista nunca vive por si mesmo, ou antes, é simples e acintosamente personagem de romance, sem nada representar do homem como generalização significativa. E transmite às vezes a impressão desagradável de artifício, traindo a todo momento sua frágil contingência de criação.

Não está porém, o sr. Mario Donato no número daqueles romancistas que continuam ou divergem, em certas particularidades, dos escritores mais antigos que a nosso ver ainda representam o melhor do romance brasileiro atual, porque o seu *Presença de Anita* — Livraria José Olympio Editora, Rio, 1948 — se coloca num plano diferente. Este é um romance do qual o crítico deve aproximar-se com muita cautela, por se tratar de um *best-seller*, e é bom que, a essa altura, se adiante não ser o sr. Mario Donato um romancista da mesma medida e seriedade

dos seus companheiros mais moços. É certo que em *A luz da estrela morta*, do sr. Josué Montello, o trágico muitas vezes se derrama no potético, e a limitação regionalista é o maior defeito do livro do sr. João Climaco Bezerra, mas em nenhum deles há essa condescendência deliberada para com o fácil, o extravagante, o sofisticado, que resulta em ingenuidade e inexperiência literária. Consequentemente, as personagens são débeis e inconvincentes, como esta Anita e este Eduardo, criaturas na aparência de uma psicologia complexa, no jogo contraditório das paixões, vítimas dos instintos e dos preconceitos, mas no fundo tão vazias de qualquer substância individual, que apenas as sustentam o prazer e a luxúria. É exatamente o escabroso do tema que em geral atrai o sr. Mario Donato, e o sexo, fonte de tanta poesia pura em Lawrence, possível de inspirar um sentimento de inocência pela naturalidade e ausência de todo mal, transforma-se nele em pedacado abjeto.

O TEMPO NO CAMINHO

WILSON ROCHA

NAQUELE TEMPO
OS HOMENS CAMINHAVAM
MANSAMENTE,
PISANDO A SOMBRA DAS FLORES
DEPOIS,
PISARAM AS FLORES
E OS FRUTOS.
VIERAM VINDO,
VIERAM PISANDO.
PISARAM
TERRA,
POVO,
CORAÇÃO,
ROSA.
PISARAM A CRIANÇA
E A MÃE.
PISARAM A MOÇA
E O QUE ERA DELA,
O VESTIDO CLARO,
A CABELEIRA ESCURA.
PISARAM OS IRMÃOS.
PISARAM A ROSA
E O CORAÇÃO
E O SONO
E OS OLHOS FECHADOS
AQUELE TEMPO.



LE GRAND NU — Rensir

DIREITO E SOCIOLOGIA — III

Novos Rumos do Direito Público

GLAUCIO VEIGA

TODA a famosa teoria da separação dos poderes de Montesquieu reduz-se a um erro flagrante de interpretação. Bagehot foi um dos primeiros a apontar os equívocos do filósofo francês (1).

Todavia, uma das minudentes e desconcertantes críticas à doutrina da separação dos poderes deve-se à inteligência de Fritz Sier Snolá (2). Para Somló o pensamento de Montesquieu apresentava erros fundamentais (grundlegende Irrtümer).

Realmente, no cap. XII do "Two Treatises on Civil Government" Locke admitia a existência de três poderes. Mas, estes três poderes não tinham vida ativa no direito inglês. Por outras palavras, estes três poderes não estavam definidos em lei, nem constituíam um princípio consuetudinário.

Distinguiu Locke no organismo estatal britânico esta configuração triforme, num esforço de interpretação e melhor compreensão das instituições políticas da Inglaterra.

Ao tempo de Montesquieu, teria existido uma divisão de poderes governamentais que, contudo, não era rígida e não tinha de forma alguma o carácter que lhe atribuiu o filósofo gaulês. Em virtude de o poder legislativo ser exercido, concomitantemente, pelo Rei e pelas duas Casas do Parlamento.

Na verdade, aquela época, podemos distinguir dois poderes: o Rei e o Parlamento e os controle, daquele sobre este, através dos seus ministros.

O poder judiciário, no momento em que respirava Montesquieu, confundia-se com as funções que hoje denominamos de carácter puramente administrativo.

A diferenciação funcional entre o administrativo e o jurídico é uma conquista da Revolução Francesa.

Nem a Constituição Inglesa legisferava a respeito de divisão ou separação de poderes. Montesquieu compreendeu a Carta Magna insular através de Locke. E não estando os dispositivos básicos, compendiados e arregimentados num único diploma legal, tudo isto, certamente, concorreu para que Montesquieu fizesse um julgamento "ultra petito" (4).

O conhecido brocardo — The King in Parliament, the King in Council, the King in Court — reflete a presença ubíqua do executivo em todos os planos.

Em síntese, Montesquieu, esboçando uma teoria sua e o receio de vê-la mal recebida, diante das condições políticas da França, forçou-o, certamente, a fazer crer que se apoiava na Constituição Inglesa. Uma tentativa, sem dúvida de agradar o absolutismo do continente, ao mesmo tempo que lhe dinamitava, marquiavelmente, os seus inalienáveis princípios de autoridade.

Não é, portanto, mera coincidência a exposição do seu pensamento, sobre os três poderes, num capítulo epigrafado: Da Constituição Inglesa.

Se Montesquieu errou ao vislumbrar uma trindade de poderes distintos na estrutura jurídica da Grã-Bretanha, maior erro cometem os que imputam a Montesquieu a teoria da separação dos poderes.

Ha, na obra do autor do Espírito das Leis, a elaboração de um ordenamento legal, repousando sobre uma trilogia de poderes. Ninguém o contesta. Negar-se o facto do filósofo ter esboçado uma separação ou oposição desses poder-

es. O texto original citadíssimo e mal interpretado na edição de 1871, é este:

"Il y a dans chaque Etat trois sortes des pouvoirs: la puissance législative, la puissance executive des choses qui dependent du droit des gens et la puissance executive de celles qui dependent du droit civil"

Solicito a atenção do renomado jurista prof. Pinto Ferreira para este detalhe: o emprego dos vocabulos "pouvoir" e "puissance", sutilmente manejados por Montesquieu. Palavras que no idioma francês têm significação particular. Quando muito, serão sinónimos imperfeitos.

A justeza da crítica de Duguit — ao assinalar a completa ausência, no texto, da expressão "separation des pouvoirs" — encaixa-se, agora, com uma maravilhosa precisão.

A tradução oferecida pelo ar. Pinto Ferreira é esta:

"Em todo o Estado, ha três espécies de poderes, o poder legislativo, o poder executivo das cousas que dependem do direito das gentes e o poder executivo das que dependem do direito civil."

Ora, o culto catedrático da Faculdade de Direito da Universidade do Recife traduziu "pouvoir" e "puissance" pelo vernáculo "poder". A minha tradução, sub censura, seria a seguinte:

"Em todo o Estado ha três espécies de poderes: a função legislativa, a função

executiva das cousas que dependem do direito das gentes e a função executiva das que dependem do direito civil".

"Função" é "Poder" mas a inversa não é correcta. "Poder" não é "Função". Puissance equivaleria em nosso idioma a poderio, isto é, função de quem dispõe do "Poder".

Quem tem o poderio tem o Poder, é lógico. Contudo, nem todo aquele que é detentor do Poder, tem o poderio.

Ou, melhor, quem tem a função do "poder" é porque "pode".

Esta distinção que parecerá a primeira vista bizantina não o é, na realidade. No direito privado ela, se torna precípua, nas relações de estado pessoal. É o caso da separação nítida do estado pessoal e da capacidade. (CFR Retrativité delle leggi, Donato Flagello, p. 316-317 — Corso di Codice Civile Italiano, vol. II. Bianchi).

Ao meu ver, Montesquieu pregou uma separação de funções, "separation des puissances" é a frase no original, mas não uma separação de poderes.

A tornar-se uma realidade a tese da separação dos Poderes, o Estado não teria surgido. A supremacia de um dos poderes é condição indispensável para a existência do Estado.

Se existe preponderância de um, rompe-se a teoria da separação dos poderes.

O próprio Montesquieu — e aqui mais um argumento contra os partidários da separação dos poderes — pensava ser indispensável que dos três poderes, um assumisse papel preponderante na vida estatal, para poder imprimir uma orientação harmônica.

Segundo ele, tal função caberia ao legislativo. Esta, a opinião do eminente tratadista Biscaretti della Ruffia, em recentíssimo estudo, publicado no corrente ano, em Napoles. Escreve o ilustre discípulo de Santi Romano:

"Il Montesquieu stesso tuttavia si accorse che era indispensabile che uno dei tre Potri assumesse un ruolo preponderante nella vita dello Stato, per potervi imprimere un indirizzo unitario, e ritiene che tale posizione coordinatrice dovesse venir attribuita al Potere Legislativo, in omaggio al carattere rappresentativo delle assemblee parlamentare (già in essere, per quanto molto imperfettamente, nella britannica Camera dei Comuni del suo tempo) — Biscaretti della Ruffia — Diritto Costituzionale (Lo Stato Democratico Moderno) — vol. I pag. 155-1949).

Historicamente, ha uma sequência dos Poderes. E no âmbito jurídico, não se pode negar a existência de uma hierarquia entre eles. Se no plano histórico essa sequência fixou-se, no plano jurídico a hierarquia entre os poderes é oscilante. Como acentua o prof. Pinto Ferreira as pags. 423 e segs., pretendeu-se ser o Poder Legislativo o mais importante, no sistema da democracia clássica. Após a Grande Guerra I, assistimos ao reforço e a hiperdilação do Executivo. "As tendências mais recentes do constitucionalismo democrático e socialista — comenta o autor — após a Segunda Guerra Mundial de 1939 a 1945, vigentes nas novíssimas constituições européias e asiáticas, assim como os novos rumos da democracia política norte-americana procura um equilíbrio pragmático entre os poderes Executivo e Legislativo, colimando agora a estruturação de um Executivo for-

te, porém legalizado e constitucional".

O prof. Pinto Ferreira, com inteligência e vastíssima erudição, não admite a separação e sim, a distinção dos poderes. Ele adota a orientação dos publicistas franceses da "separation souple" que se opõe à "separation tranchée".

Mas, recai em equívoco, quando a pg. 430 não admite uma separação absoluta de funções. Separação de funções existe. Não há separação de Poderes.

A inexistência da separação de funções redundaria na concepção "dimensional do poder", princípio diretor da Constituição da URSS, de 1936.

x x x

(1) Referindo-se à separação dos poderes escreve Bagehot: "On a déployé beaucoup d'éloquence pour expliquer comment le rude génie du peuple anglais, même au moyen-âge où il était particulièrement grossier, a vivifié et mis en pratique cette division préconçue des pouvoirs..." (30).

Mais adiante caracteriza Bagehot a Constituição Britânica: "L'efficacité secrète de la Constitution anglaise réside on peut le dire, dans l'étroite union, dans la fusion presque complète du pouvoir exécutif e du pouvoir législatif. pag. 14 — La Constitution Anglaise — Bagehot — 1869).

(2) Somlo escreve: "Bei nahrem Eindringen wird aber deutlich dass die Lehre Montesquieus nicht nur recht verschiedener Auffassung fähig ist, sondern dass sie, unbeschadet ihrer welgaschillichen Bedeutung, nicht ohne grundlegende Irrtümer insbesondere über das ist, was sie für die richtige englische Staatslehre gehalten hat, und dass die Staatsentwicklung we das Verfassungsleben keineswegs ihren Grundansichten entsprechen" — Die Dreiteilung der Gewalten, in Handbuch der Politik, vol. I, pag. 216. Cfr. C.A. Lucio Bitencourt — A Interpretação das Leis e o Princípio da Separação dos Poderes

na Revista do Serviço — Fevereiro — 1943.

No mesmo sentido a opinião de Otto Koellereutter o qual embora reconhecendo que o desmembramento do poder estatal é a base constitucional dos Estados Modernos, reconhece que a separação é oscilante, muito embora confunda o ilustre publicista "função" com "poder" (Handwörterbuch der Rechtswissenschaft, V Band, s. 601).

(3) A Constituição Inglesa é constituída de várias disposições: da Carta Magna, de 1215, do Bill of Rights de 1689; de determinados dispositivos da common law; leis promulgadas pelo Parlamento etc.

(4) Henry Puget chega a dizer que Montesquieu extraiu da Constituição Inglesa muito mais daquilo que ela continha: "Et Montesquieu tirant de la Constitution d'Angleterre beaucoup plus qu'elle ne contenait..." (artigo na Encyclopédie Française, tome XCVI, État Moderne — 10^e 63-7 — La Limitation des pouvoirs pour la separation des pouvoirs.



Ensaio da peça ARVANDA, de Joaquim Ribeiro, pelo Teatre Experimental do Negro

O TEATRO NACIONAL E O SR. TRISTÃO DE ATHAYDE

(CONCLUSÃO DA ÚLTIMA PÁGINA)

a ausência de qualquer em- randello e, se não me engano, presário que se aventurasse algo de Bernard Shaw, levar à cena qualquer peça. Outro fato imperdoável é o de autor brasileiro, que des- temerosamente descesse até da ignorância do "acontecimento O'Neill". Falando do as profundezas lamacentas da susto de renovação na cena do alma humana, pondo a nú os Brasil, escreve: "Aconteceu seus complexos e taras até en- Pirandello", quando, antes de tão velados em nome de um mais nada, deveria escrever: reacionário falso pudor. "Aconteceu O'Neill" com as

O sr. Tristão de Athayde, peças já citadas e o "Impera- aliás Alceu Amoroso Lima, dor Jones, pelo T.E.N.

Para encerrar a série quase aliás Alceu Amoroso Lima, pinta do mais sedutor cor de rosa o foge de encarar a obra de Nel- interminável — "tantos para son Rodrigues (desde "A mu- um artigo somente — o sr. lher sem pecado" até "Anjo Tristão de Athayde, aliás Al- negro") como o acontecimento ceu Amoroso Lima, pinta do mais importante desta fase mais sedutor cor de rosa o nova por que passa o teatro ambiente teatral do Brasil. no Brasil e dá um significado Para ele, agora está tudo exagerado ao trabalho do sr. azul, "só se fala em teatro, só Silveira Sampaio (ou Silveira Brandão, como chamou ao au- se pensa em teatro"... Tama- tor de "Da necessidade de ser nho otimismo não tem razão de ser, uma vez que, segundo polígamo"). Mas a verdade é me informa Abdias Nascimen- que o "caso" pessoal deste au- to, Nelson Rodrigues — para tor tocara o pensador católico, citar um só exemplo não en- daí o seu interesse, o extraor- contra quem queira aceitar dinário interesse que o levou seus originais pelo que es- até ao Teatro de Bols, no pera organizar seu próprio bairro distante. elenco afim de mostrar ao pú- blico o seu teatro. Para não falarmos na carência de casas de espetáculos, um problema angustiante, artistas parados,

O articulista brilhante do "Diário de Notícias" demonstra ser dos tais que só vêm "imoralidade" no teatro de Nelson Rodrigues, "imoralidade" esta que escapa da minha curta visão, posto que, a meu ver, não existe imoralidade em arte. Por ignorância (pois chega a confessar que raramente vai a teatro) ou por amor aos lapsos, chega a ignorar OS COMEDIANTES, cuja apresentação de "Desêjo" de O'Neill, representou um novo marco na cena brasileira; ignora, ainda de O'Neill, "Ana Christie", encenada por Dulcinea; não dá a menor importância ao Teatro Experimental do Negro, dirigido por Abdias Nascimento, e que é outro acontecimento de máxima importância. Finalmente, ignora, ainda a contribuição do Nordeste, especialmente de Pernambuco, em cuja Capital os estudantes, comandados por Hermilo Borba Filho, bem tendo mostraram aos pernambucanos o teatro de Garcia Lorca, Ibsen e outras mais, sem falar no Teatro de Amadores, orientado por Waldemar de Oliveira, que montou Pi-

randello e, se não me engano, algo de Bernard Shaw.

Outro fato imperdoável é o da ignorância do "acontecimento O'Neill". Falando do susto de renovação na cena do Brasil, escreve: "Aconteceu Pirandello", quando, antes de mais nada, deveria escrever: "Aconteceu O'Neill" com as peças já citadas e o "Imperador Jones, pelo T.E.N.

Para encerrar a série quase interminável — "tantos para um artigo somente — o sr. Tristão de Athayde, aliás Alceu Amoroso Lima, pinta do mais sedutor cor de rosa o ambiente teatral do Brasil. Para ele, agora está tudo azul, "só se fala em teatro, só se pensa em teatro"... Tamanho otimismo não tem razão de ser, uma vez que, segundo me informa Abdias Nascimento, Nelson Rodrigues — para citar um só exemplo não encontra quem queira aceitar seus originais pelo que espera organizar seu próprio elenco afim de mostrar ao público o seu teatro. Para não falarmos na carência de casas de espetáculos, um problema angustiante, artistas parados,

esperando um milagre do céu. Entre outros, posso citar, de memória, Rodolfo Mayer, Iracema de Alencar, Alma Flora e Palmeirim Silva, alguns nomes apenas das figuras principais de elencos à espera do milagre da multiplicação dos teatros...

TRISTEZA

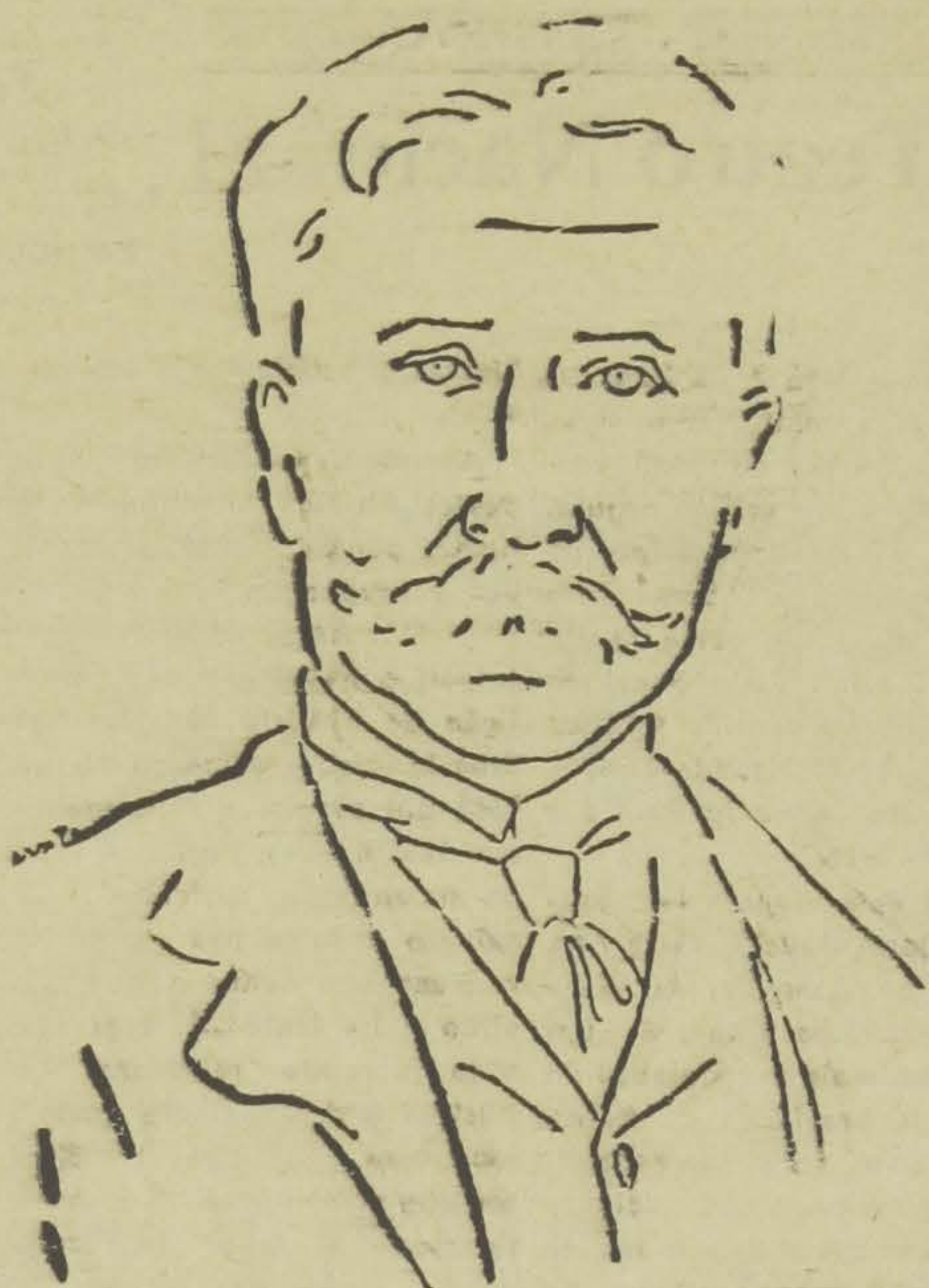
ANTONIO POLARI

UM CREPUSCULO TRÊMULO DE AGOSTO
CAE SOBRE A TERRA SOLITÁRIA E ÉRMA.
TODA A MINHA ALMA DE SAUDADE ENFERMA.
DE NUENS TOLDA O MEU TRISTONHO ROSTO.

GOTÊJA, LENTAMENTE, DO SOL-POSTO,
CHUVA DE LUZ, NA TARDE QUE ADORMECE,
ENQUANTO A TARDE EM LAMENTOSA PRECE,
DE MÃOS POSTAS, RECITA O SEU DESGOSTO.

A NATUREZA MÓRBIDA, OFERECE
SEU DOLOROSO POEMA AO FIM DO DIA...
UM TRISTONHO TORMENTO AUMENTA, CRESCE...

PLANGE UM SINO CANTANDO A AVE-MARIA
— ÁREA SUBLIME, SANTA QUE PARECE
TRISTEZA... LASSIDÃO... MONOTONIA...



JOAQUIM NABUCO, cujo centenário será comemorado este ano, visto pela pintora Tarcila do Amaral

Notícias

"MUSICA INTERIOR"

Com este sugestivo título, o poeta mineiro BAPTISTA BRAZIL acaba de publicar mais um livro.

Falando sobre o autor de MÚSICA INTERIOR, disse o poeta Bueno de Rivera: "O Brasil precisa conhecer uma das vozes mais belas da poesia tradicional de Minas, um poeta dono de uma rica música verbal, senhor de um panteísmo dinâmico e profético, possuidor de uma arte inspirada em sentimentos puros e humanos".

OS LIVROS DE MAIOR SUCESSO NA INGLATERRA

Durante o ano de 1948 foram os seguintes os livros de maior sucesso, no gênero de ficção, na Inglaterra: "The Heart of the Matter", de autoria de Graham Greene; "The loved One", de autoria de Evelyn Waugh; e "Catalina", de autoria de Somerset Maugham.

O Teatro Nacional e o Sr. Tristão de Athayde

PERICLES LEAL

RIO — Não é de hoje ou de ontem a minha admiração pelo sr. Tristão de Athayde. Considero-o um crítico arguto, interessado, capaz e, acima de tudo, honesto, se bem que muitas vezes um certo sentimento carola afaste o crítico do verdadeiro sentido estético da arte, desvalorizando os seus julgamentos a respeito das coisas da arte.

Afora esses lapsos — bastante lamentáveis — o sr. Tristão de Athayde, às vezes Alceu Amoroso Lima, é um nome dos mais prestigiados da literatura brasileira. Com um número incontável de leitores que não deixam passar um domingo sem correr para o seu grande artigo do suplemento do "Diário de Notícias" afim de ouvir o que ele está pensando a respeito das

"letras e problemas" universais".

Acontece, porém, que num desses últimos domingos, o ilustre pensador católico achou de se ocupar do teatro brasileiro (1). Antes de mais nada, julgou conveniente dar uma lição de história artística aos seus leitores e começou assim: "Há um século, o Parlamento e o teatro constituíram o eixo da nossa vida literária". E saiu-se a falar nas tertúlias que surgiam num e noutro (no circo e no teatro...), sem duvida querendo lembrar os ilustres e descabelados poetas, escritores e políticos brasileiros que se compraziam romanticamente a fazer literatura barata, tanto nas casas de congresso, como nas casas de espetáculo (que vêm dar quarta no mesmo), tomando porres

tremendos por causa das atrezas bonitas e sem lograr fazer nada realmente de valia, razão pela qual somos um país de muita conversa.

Depois de varias outras notas sobre a marcha do teatro nacional, o sr. Tristão de Athayde (ou Alceu Amoroso Lima) fala em Leopoldo Fróes e outras celebridades a epoca, esquecendo Varques, tão grande quanto Fróes, pois se este foi o maior vulto do teatro trágico, no Brasil, Vasques, representou, sem dúvida, um período dos mais admiráveis para a comédia nacional. Com a sua força extraordinária, um talento invulgar a par com um dom de improvisação acima do normal, o grande comico da cena brasileira não merecia o esquecimento do illustre crítico. Seria o mesmo que

falar do passado teatral da França, citando Sarah Bernhardt e esquecendo ou ignorando Coquelin, aquele admirável criador do "Cirano de Bergerac", de Rostand.

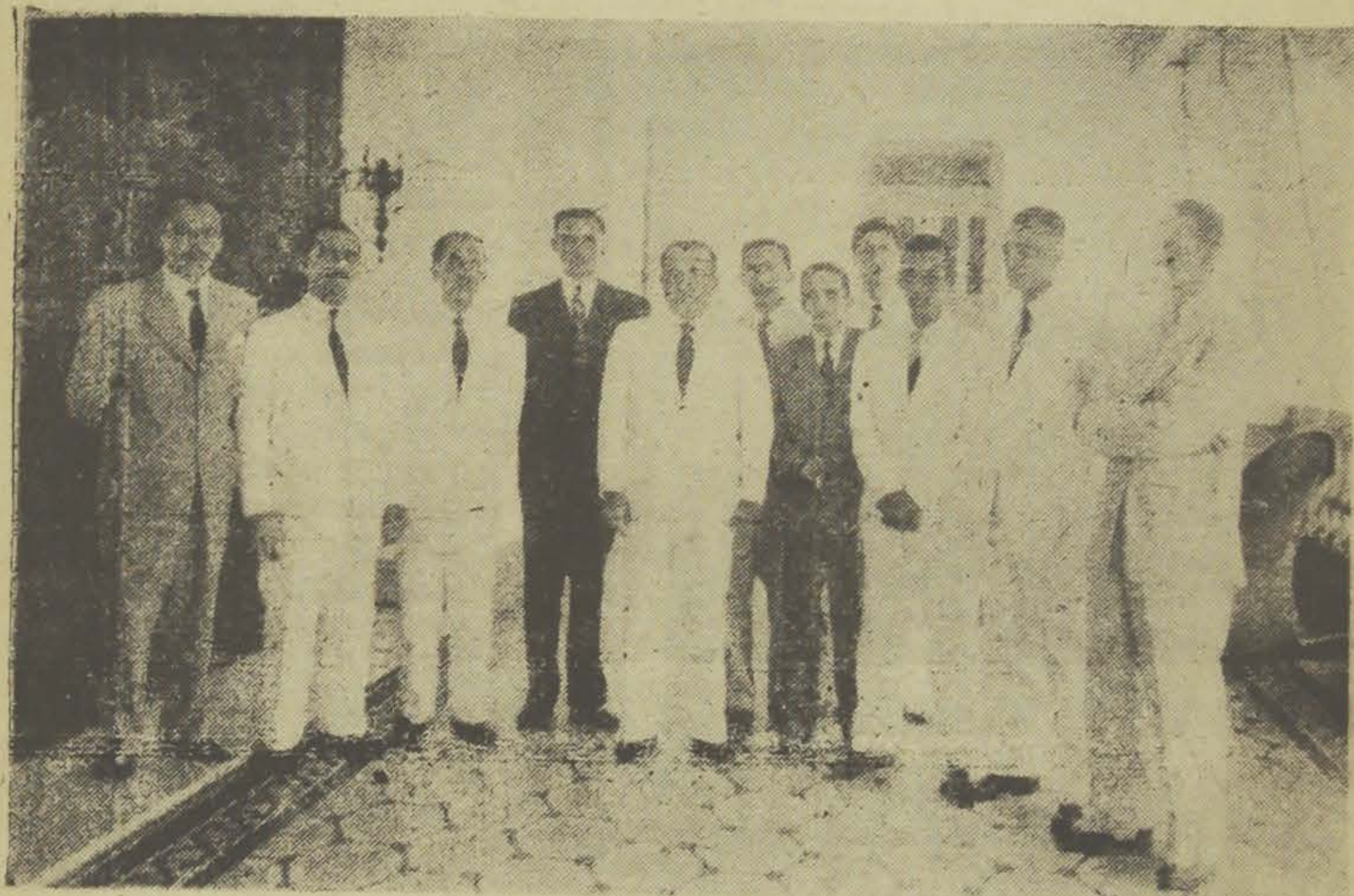
Mas prossegue o sr. Tristão de Athayde (aliás, Alceu Amoroso Lima), pois o seu artigo é extenso, 164 linhas, tipo 6, em duas colunas, corrido.

E o mais grave por que denunciante de que o pensador católico não está de maneira alguma ao par do que se passa no teatro nacional, é a extraordinária troca de nomes de autores e títulos de peças das mais conhecidas de quem quer que ao menos se dê ao trabalho de passar a vista pelo noticiário especializado dos jornais. Por exemplo! o nome do sr. Silveira Sampaio, autor nove é de grandes possibilidades, segundo afirmam os críticos e atesta o público, que o aplaude, para o sr. Tristão de Athayde é Silveira Brandão... A sua comédia, "A inconveniência de ser esposa", passa a denominar-se "Os inconvenientes de ser esposa", etc. E até a tão famosa e admirável tragédia de Nelson Rodrigues (obra de extraordinária importância para o nosso teatro), "Vestido de Noiva", tem o seu nome trocado para "Véu de Noiva"...

Isto para não falarmos na pouca, ou nenhuma, importância que o erudito professor da Faculdade de Filosofia dá ao aparecimento, na cena nacional, de Nelson Rodrigues. Ora, ilustre mestre, convenhamos que isto é injustificável e imperdoável mesmo. E convém lembrar nesta hora que "o pior cego é aquele que não quer ver". — Sem o aparecimento de Nelson Rodrigues, não haveria coragem para os outros autores brasileiros se aventurarem a pôr no papel suas idéias, por temerem não apenas a incompreensão mas

(Conclue na página 15).

HOMENAGEM A NOVA GERAÇÃO



Domingo último, o governador Oswaldo Trigueiro homenageou os representantes da nova geração de escritores da Paraíba, com um almoço no Palácio da Redenção. O gesto do Chefe do Executivo paraibano teve ampla repercussão em nossos círculos culturais e CORREIO DAS ARTES, que tem recebido do dr. Oswaldo Trigueiro apoio integral, registra o acontecimento com a mais viva simpatia.

No clichê vemos, S. Excia. ao centro e da direita para a esquerda: George Mattos, Hilton Marinho, Juarez Batista, Aluisio Regis, Dilermando Luna, Hamilton Pequeno, Afonso Pereira, Carlos Romero, o orientador deste suplemento e o deputado Hildebrando Assis.